

AS SETE VESTES DE JESUS



“Para isso fostes chamados, pois Cristo também sofreu por vós, deixando-vos exemplo, para que sigais os seus passos. Ele não cometeu pecado, nem engano algum foi achado em sua boca; ao ser insultado, não retribuía o insulto, quando sofria, não ameaçava, mas entregava-se àquele que julga com justiça. Ele mesmo levou nossos pecados em seu corpo sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; pelas suas feridas fostes sarados.” (1Pedro 2.21-24 – Almeida Século 21)

1. INTRODUÇÃO

Um dos assuntos que mais me fascina quando eu estudo o Antigo Testamento são os aspectos cristológicos presentes nas passagens bíblicas veterotestamentárias. Como o próprio Senhor Jesus explicou, a dois discípulos no caminho para Emaús, através do Antigo Testamento (passando pelos escritos de Moisés e dos demais profetas) é possível extrair detalhes da vida e do ministério do Messias (ou Cristo) em todas as Escrituras¹ (cf. Lucas 24.25-27).

O estudo cuidadoso do Antigo Testamento nos revela que ele está recheado de elementos tipológicos sobre Cristo. Um ‘tipo’ pode ser definido como ‘um evento, pessoa ou objeto que por sua natureza e significado prefigura ou prenuncia algum evento posterior, pessoa ou objeto’. Em outras palavras, há uma correspondência entre certas pessoas, eventos ou coisas do Antigo Testamento e Jesus Cristo no Novo Testamento. Dentre esses tipos, talvez o que mais me chame a atenção é a figura arquetípica do Tabernáculo de Israel, descrita em detalhes no livro do Êxodo. Os materiais (como o linho) e as cores (como a escarlata) utilizados na construção do Tabernáculo de Israel são símbolos que possuem significados maravilhosos que apontam para a vida do Senhor Jesus na terra, principalmente durante o martírio sofrido por Ele rumo ao Gólgota, local onde fora crucificado (cf. Mateus 27.33, 35a).

Durante o espaço de tempo em que foi preso, julgado, condenado, executado, sepultado e ressuscitado ao terceiro dia, o Senhor Jesus foi vestido de sete formas diferentes. E a maior parte dos vestuários usados em Jesus fora feito de materiais idênticos daqueles aplicados na construção do Tabernáculo de Israel, que representa um tipo de Cristo.

¹ O termo “Escrituras”, empregado por Jesus, se refere ao תנ"ך (*Tanakh*), um acrônimo utilizado dentro do judaísmo para denominar seu conjunto principal de livros sagrados, sendo o mais próximo do que se pode chamar de uma Bíblia judaica. O conteúdo do תנ"ך (*Tanakh*) é equivalente ao Antigo Testamento cristão, porém com outra divisão.

Sendo assim, o objetivo dessa reflexão é levar o leitor a refletir sobre o significado de cada vestimenta aplicada sobre o Senhor Jesus, e quais as implicações práticas desses atos em nossa vida cristã diária, que está baseada nos resultados da vitória do Senhor Jesus sobre o pecado a morte.

2. AS SETE VESTES DE JESUS

Na passagem bíblica, citada inicialmente, o apóstolo Pedro afirma que o Senhor Jesus ao ser insultado, não retribuía o insulto, quando sofria, não ameaçava, mas entregava-se àquele que julga com justiça. Ele também sustenta que Cristo sofreu por nós, deixando-nos exemplo, para que sigamos os seus passos (cf. 1Pedro 2.21-24).

A ressurreição do Senhor Jesus Cristo, mais do que um fato histórico, é um evento que nos capacita e nos inspira a viver uma vida que valha a pena ser vivida. Analisemos, pois, **as sete vestes de Jesus**:

2.1. A PRIMEIRA VESTE – A ROUPA RESPLANDECENTE

“E Herodes, com os seus soldados, desprezou-o, e, escarnecendo dele, vestiu-o de uma **roupa resplandecente**, e tornou a enviá-lo a Pilatos.” (Lucas 23.11)

A “roupa resplandecente”², do grego ἐσθήτα λαμπρὰν (*esthêta lamprán* = “vestuário claro, brilhante”), era uma vestimenta magnífica e esplêndida para aquela época. Era um tipo de roupa utilizado apenas pela realeza. Herodes vestiu Jesus dessa forma para zombar daquilo que Cristo realmente era: o Rei dos judeus.

O que ocorreu com o Senhor Jesus muitas vezes acontece conosco: somos zombados pelo o que somos. Em muitos momentos colhemos frutos amargos por causa da fé que professamos. O verdadeiro cristianismo não gera *status* por parte das pessoas. Pelo contrário, ele leva a pessoa muitas vezes ao desprezo e reprovação por parte da sociedade. Esse fato foi previsto pelo próprio Senhor Jesus quando ele fez o seguinte alerta aos discípulos: “... Não é o servo maior do que o seu senhor. Se a mim me perseguiram, também vos perseguirão a vós” (cf. João 15.20).

A mensagem do Evangelho atua na maioria das vezes como uma contracultura à cultura do mundo. Não foi à toa que o Senhor Jesus disse aos Seus discípulos: “Não será assim entre vós...” (cf. Mateus 20.26). Quando mundo quer ver a Deus, ele olha para Igreja – Corpo de Cristo. Como Igreja, precisamos apresentar aspectos visíveis do caráter e da pessoa de Cristo, mesmo que por causa disso, sejamos desprezados, perseguidos e caluniados. Porém temos uma motivação e esperança. Jesus também disse: “Abençoados sois vós quando vos injuriarem, e perseguirem, e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós.” (Mateus 5.11-12).

² **Roupa resplandecente.** Algumas traduções chamam esta roupa de “manto esplêndido”, “manto branco” ou “manto real”.

2.2. A SEGUNDA VESTE – O MANTO ESCARLATE

“E logo os soldados do governador, conduzindo Jesus à audiência, reuniram junto dele toda a coorte. E, despiando-o, o cobriram com um **manto escarlata**.” (Mateus 27.27-28)

O manto consistia em uma faixa de pano quadrada ou comprida, de dois a três metros de largura. Era enrolada no corpo como uma coberta protetora, com dois cantos do material na frente, unidos por um cinto³. Já a escarlata⁴ (mesmo não sendo termos sinônimos, algumas traduções trazem a palavra “púrpura” ou “carmesim”) é uma cor vermelha muito viva, às vezes chamada de “vermelho sangue”.

O manto escarlata era uma roupa tipicamente utilizada pelos soldados romanos, trazendo à memória o sofrimento e o sangue derramado sobre a terra durante as batalhas travadas em uma guerra. Tipologicamente, o manto escarlata simboliza o sofrimento do Cordeiro de Deus. Assim como o inseto *kermes*⁴ era moído para a extração da cor escarlata, o Senhor Jesus “foi ferido pelas nossas transgressões e **moído** pelas nossas iniquidades” (cf. Isaías 53.5 – veja também Salmo 22.6; Isaías 1.18).

No passado, o Senhor Jesus sofreu por amor a nós; no presente, nós devemos sofrer por amor a Ele. O exercício da vida cristã é um ato de entrega e não raramente, uma decisão de abstermos dos prazeres que agradam tão somente nossa natureza carnal e corrupta. Quando nos comportamos assim, alegamos o coração do nosso Pai celestial, pois como afirmou o apóstolo Pedro “*digno de louvor é o fato de alguém suportar tristezas, sofrendo injustamente, por causa da consciência para com Deus*” (1Pedro 2.19).

Por causa dos nossos pecados estávamos longe de Deus. Mas pelo sangue de Cristo, derramado em nosso favor, agora estamos perto (cf. Efésios 2.13). De forma que cada um de nós deve ter uma conduta de vida que permita declarar: “Jesus sofreu e morreu por mim; por causa disso ‘vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim’ (cf. Gálatas 2.20)”.

Viver para Jesus é deixar de viver para si, e passar a viver com intensidade a vida que Jesus viveria se estivesse em nosso lugar.

³ TENNEY, Merrill C.; PARKER, J. I. & WHITE JR., William. *Vida cotidiana nos tempos bíblicos*. Trad. Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Vida, 2003. 121-122 p.

⁴ De acordo com o *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*, a escarlata, do grego, κοκκίνος (*kokkínos* = “agrupamento dos ovos de inseto”), são cachos de ovos de um inseto, o “*kermes*” (semelhante ao cochonilha), e quando coletado e pulverizado produz um vermelho que era usado em tintura. Já no livro “Bases Bíblicas para Ciência Moderna”, o autor Henry Morris afirma que quando a fêmea da lagarta escarlata estava pronta para desovar, ela prendia seu corpo ao tronco de uma árvore, fixando-se de maneira tão firme e permanente para jamais sair. Os ovos depositados por baixo de seu corpo eram desta forma protegidos até que as larvas fossem chocadas e fossem capazes de assumir o seu próprio ciclo vital. Quando a mãe morria, o fluido carmesim manchava seu corpo e a madeira em volta. Dos corpos mortos destas lagartas escarlates fêmeas eram extraídas as tintas comerciais da antiguidade de cor escarlata.

2.3. A TERCEIRA VESTE – AS PRÓPRIAS ROUPAS

“E, depois de o haverem escarnecido, tiraram-lhe a capa, vestiram-lhe as **suas vestes** e o levaram para ser crucificado.” (Mateus 27.31)

Comumente, os homens judeus usavam uma veste interior, uma exterior, um cinto e sandálias. As vestimentas interiores eram feitas de material leve e as exteriores de material pesado e quente⁵.

As roupas exteriores de Jesus eram simples, daquelas usadas por homens comuns. O Senhor Jesus usou essas roupas durante a Sua vida. Sendo Deus, Ele vestiu essa “roupa” para se tornar completamente homem. Ele praticamente “vestiu nossa pele” e assumiu **humanidade completa**.

Jesus veio ao mundo para ensinar os seres humanos a serem mais humanos. A espiritualidade de uma pessoa não pode ser medida pelo estereótipo que ela possui ou por atos fenomenológicos que ela venha demonstrar.

A verdadeira espiritualidade é vista e percebida por meio da humanidade completa que a pessoa demonstra na maneira como ela trata o seu semelhante: levando as cargas uns dos outros (cf. Gálatas 6.2), sendo membros uns dos outros (cf. Romanos 12.5; Efésios 4.25), tendo igual cuidado uns dos outros (cf. 1Coríntios 12.25), não mentindo e não falando mal uns dos outros (cf. Colossenses 3.9; Tiago 4.11), suportando e perdoadando uns aos outros (cf. Colossenses 3.13) etc. Quando mais espirituais nós formos, de forma mais humana nós agiremos.

2.4. A QUARTA VESTE – A TÚNICA SEM COSTURA

“Tendo, pois, os soldados crucificado a Jesus, tomaram as suas vestes e fizeram quatro partes, para cada soldado uma parte, e também **a túnica**. A túnica, porém, tecida toda de alto a baixo, não tinha costura.” (João 19.23)

A túnica, vestimenta interior semelhante ao quimono, chegando até aos joelhos ou tornozelos, era usada junto à pele. Tanto homens como mulheres usavam túnicas feitas de algodão, de linho ou de lã, presa ao corpo por um cinto. Algumas túnicas eram peças inteiras, feitas sem costura. Embora não fosse nada extravagante, era uma peça de valor⁶.

A vestimenta interior de Jesus no momento da crucificação era um manto sem costura, assim como as vestes interiores do sumo sacerdote, simbolicamente mostrando seu sacerdócio universal ao penetrar os céus e liberar nosso acesso ao trono da graça (cf. João 19.23; Hebreus 4.14-15).

⁵ TENNEY, Merrill C.; PARKER, J. I. & WHITE JR., William. *Vida cotidiana nos tempos bíblicos*. Trad. Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Vida, 2003. 121 p.

⁶ COLEMAN, William L.. *Manual dos tempos e costumes bíblicos: o contexto cultural, social, político e religioso das terras e dos povos da Bíblia, com base nas mais recentes descobertas arqueológicas*. Trad. Myrian Talitha Lins. Belo Horizonte: Betânia, 1991. 62 p.

Hoje todos nós temos acesso direto a Deus. No item 3.3, dos Princípios Batistas, encontramos esta fundamentação, com o título de “O sacerdócio de cada crente”, que assim se expressa: “*Cada homem pode ir diretamente a Deus em busca do perdão, através do arrependimento e da fé. Ele não necessita para isso de nenhum indivíduo, nem mesmo da igreja. Há um só mediador entre Deus e os homens, Jesus. Depois de tornar-se crente, a pessoa tem acesso direto a Deus, através de Jesus Cristo. Ela entra no sacerdócio real que lhe outorga o privilégio de servir a humanidade em nome de Cristo...*”.

2.5. A QUINTA VESTE – A VERGONHA (NUDEZ)

“Tendo, pois, os soldados crucificado a Jesus, **tomaram as suas vestes** e fizeram quatro partes, para cada soldado uma parte, **e também a túnica**. A túnica, porém, tecida toda de alto a baixo, não tinha costura.” (João 19.23)

A túnica podia ser a única vestimenta usada pelos pobres em clima quente. Contudo, os ricos nunca apareciam em público sem as vestimentas exteriores. Isso porque se dizia estar nu o homem que usava apenas esta vestimenta interior (cf. 1Samuel 19.24; Isaías 20.2-4)⁷. Na crucificação de Jesus, até mesmo suas vestimenta interior foi tomada e repartida entre os soldados.

Os israelitas não crucificavam os condenados à morte. A crucificação – forma hedionda de execução – foi importada pelos gregos e romanos (sendo usada no início para punir os escravos rebeldes)⁸. Nela o condenado ficava nu e assentado com uma das nádegas apoiada sobre um banquinho. Com os braços da vítima suspensos em forma de V, os cravos eram geralmente pregados no antebraço entre o rádio e cúbito⁹.

A nudez retrata pecado e vergonha (cf. Apocalipse 3.18). Ela personifica o pecado original. Desde Adão todos nós nascemos em pecado (cf. Salmo 51.5), por isso chegamos ao mundo nus (cf. Jó 1.21).

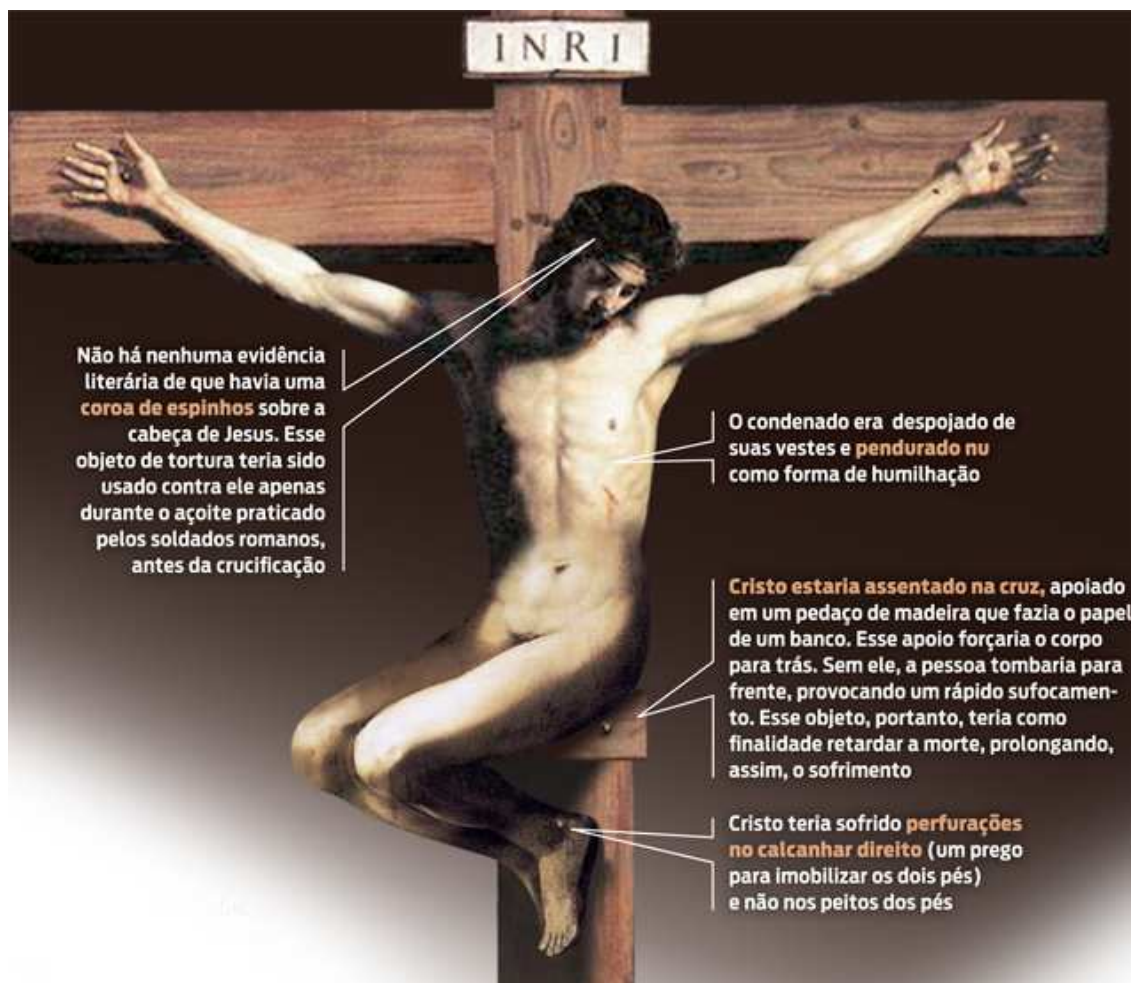
Ao morrer na cruz o Senhor Jesus se fez vergonha e pecado por nós (cf. 2Coríntios 5.21). Ele foi desonrado para que nós fôssemos honrados e santificados para uso do Senhor e preparado para toda boa obra (cf. 2Timóteo 2.21). Jesus foi envergonhado publicamente para que nós, em vez disso, dêssemos orgulho a Deus publicamente (cf. Hebreus 11.16). De forma que ao confrontarmos nossa realidade de vida, uma pergunta precisa respondida: Quando estamos da presença de Deus, Ele tem orgulho ou vergonha de nós? Em outras palavras, o que a nossa presença na presença de Deus gera no coração dEle? Orgulho ou vergonha? Alegria ou tristeza? Contentamento ou decepção?

⁷ TENNEY, Merrill C.; PARKER, J. I. & WHITE JR., William. *Vida cotidiana nos tempos bíblicos*. Trad. Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Vida, 2003. 126 p.

⁸ DANIEL-ROPS, Henri. *A vida diária nos tempos de Jesus*. Trad. Neyd Siqueira. 3 ed. São Paulo: Vida Nova, 2008. 204 p.

⁹ SILVA, Rodrigo Pereira da. *Escavando a verdade: a arqueologia e as incríveis histórias da Bíblia*. 2 ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008. 173 p.

Se optarmos viver uma vida que seja objeto de vergonha perante Deus, estaremos pisando no sacrifício feito pelo Senhor Jesus Cristo na cruz e expondo-O novamente à vergonha pública. Pois como bem afirmou o autor de Hebreus, “*é impossível que aqueles que uma vez foram iluminados, experimentando o dom celestial e se tornando participantes do Espírito Santo, e experimentaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro, e caíram, sejam outra vez renovados para o arrependimento; visto que eles estão crucificando de novo o Filho de Deus e expondo-o à vergonha pública*” (Hebreus 6.4-6 – Almeida Século 21).



2.6. A SEXTA VESTE – OS LENÇÓIS DE LINHO

“Tomaram, pois, o corpo de Jesus e o envolveram em **lençóis (de linho)** com as especiarias, como os judeus costumam fazer na preparação para o sepulcro.” (João 19.40)

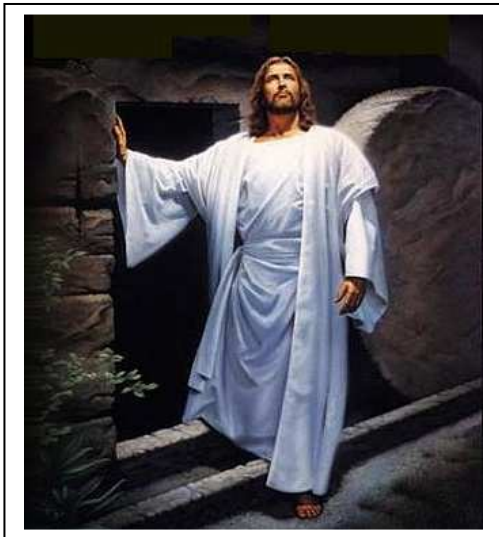
O linho era um dos mais importantes tecidos para os israelitas. Os tecidos de linho fino e quase transparentes eram usados pelos que desfrutavam posições sociais elevadas ou de riqueza (cf. Lucas 16.19). As vestes sepulcrais de Jesus foram feitas desse material, comprado por José de Arimatéia (cf. Marcos 15.46). O linho branco fino era símbolo de inocência e pureza moral (cf. Apocalipse 15.6).

Durante todo o seu ministério na terra, abrangendo a morte e ressurreição, o Senhor Jesus se manteve moralmente puro e inocente, isto é, sem pecado (cf. Hebreus 4.15; 9.28). Da mesma forma nós, por termos sido libertos da escravidão pecado através do sacrifício de Cristo (cf. Romanos 6.18, 22), devemos viver uma vida inocente (não confundir com ingenuidade) e moralmente pura; de maneira que “*toda amargura, e ira, e cólera, e gritaria, e blasfêmias, e toda malícia seja tirada de entre nós*” (cf. Efésios 4.31), como também “*todo engano, e fingimentos, e invejas, e todas as murmurações*” (cf. 1Pedro 2.1). Na epístola endereçada aos cristãos em Éfeso, o apóstolo declara:

*“Mas a prostituição e todo tipo de impureza ou cobiça **nem sequer sejam mencionados entre vós, como convém a santos, nem haja indecências, nem conversas tolas, nem gracejos obscenos, pois essas coisas são inconvenientes; pelo contrário, haja ações de graças.**”* (Efésios 5.3-4 – Almeida Século 21).

2.7 A SÉTIMA VESTE – AS NOVAS ROUPAS

“Então, Pedro saiu com o outro discípulo e foram ao sepulcro. E os dois corriam juntos, mas o outro discípulo correu mais apressadamente do que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro. E, abaixando-se, viu no chão os lençóis; todavia, não entrou. Chegou, pois, Simão Pedro, que o seguia, e entrou no sepulcro, e viu no chão os lençóis e que o lenço que tinha estado sobre a sua cabeça não estava com os lençóis, mas enrolado, num lugar à parte.” (João 20.3-7)



Como vimos anteriormente, ao ser crucificado Jesus estava nu; e ao ser sepultado ele estava apenas envolto em lençóis de linho. Ao ressuscitar, Jesus deixa no sepulcro todas as vestes sepulcrais (o lenço para o rosto e os lençóis para o corpo). Porém, ao ressurgir diante das pessoas, Ele aparece vestido normalmente. Sendo assim, é possível concluir (por inferência) que Jesus portava novas roupas, que ainda não tinham sido usadas por Ele.

As “vestes da ressurreição” utilizadas por Jesus poderia muito bem simbolizar o novo momento na vida daqueles que ressuscitaram com Cristo, onde “*as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo*” (cf. 2Coríntios 5.17). Nas palavras do apóstolo Paulo, “*se já ressuscitamos com Cristo, busquemos as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à destra de Deus. Pensemos nas coisas que são de cima e não nas que são da terra; porque já estamos mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus*” (Colossenses 3.1-3 – texto bíblico parafraseado).

Para finalizar, se Jesus realizou algo novo em nós, “*andemos nós também em novidade de vida*” (cf. Romanos 6.4). Que a nossa vida reflita as “vestes” do nosso Senhor ressurreto. Vivamos com intensidade uma vida semelhante àquela que Jesus viveria em nosso lugar. *Soli Deo Gloria.*